

---

**PALAVRA É PODER:** o que Hitler e uma ladra de livros têm em comum

**Thiffany Duarte Soares** <sup>1</sup>  
**Virna Ligia F. Braga** <sup>2</sup>

**RESUMO**

Este artigo analisa a vida de Hitler e sua doutrinação nazista a partir da obra “A menina que roubava livros”, do autor Markus Zusak. Deste modo, o texto traça um paralelo sobre o uso e a manipulação das palavras, tanto por Hitler quanto pela protagonista da obra, Liesel, como também por seu autor, Zusak. Utilizou-se como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica: livros, artigos, revistas, documentários e a internet, para obtenção de dados que permitissem a construção do artigo, bem como da coleção nele baseada. A coleção *Palavra é Poder* priorizou o poder das palavras dentro da temática do livro “A menina que roubava livros”, inspirando-se nas personagens e em suas maneiras de lidar com as palavras. Referenciando capas de livros que guardam em seu interior um universo de palavras, a coleção foi composta exclusivamente de casacos e pelerines que serviram como uma capa para o ser humano, ser este dotado da palavra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nazismo. Literatura. Moda. História. Markus Zusak.

**INTRODUÇÃO**

Contrastes entre beleza e feiura sempre fizeram parte da história da humanidade. A palavra, seja ela escrita ou falada, é um dos meios utilizados para elaborar essa contraposição. O objetivo deste estudo é evidenciar a importância do uso das palavras através de uma análise da obra literária “A menina que roubava

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como trabalho de conclusão do Curso de Tecnologia em Design de Moda, do Centro Universitário Estácio de Juiz de Fora. Designer de Moda formada pelo Centro Universitário Estácio de Juiz de Fora, atua no mercado de moda desde 2012. Atualmente, trabalha em projetos pessoais, principalmente em pesquisas no campo da moda.

<sup>2</sup> Doutora em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora, pesquisadora dos grupos: Cidadania, Trabalho e Exclusão (UFJF/CNPq) e História da Assistência à Saúde (FIOCRUZ/CNPq). Atua como docente no ensino fundamental e médio, no Colégio Stella Matutina e, no ensino superior, leciona e desenvolve atividades de pesquisa e de iniciação científica no Centro Universitário Estácio de Juiz de Fora.

livros” (ZUSAK, 2007), tendo como fator de grande relevância o tempo e o local em que se passa sua história – Alemanha nazista, de 1939 a 1943.

Para isso, Hitler será também objeto de análise, por se tratar de um grande manipulador das palavras e estar presente na obra acima citada. Através do exame desses dois objetos pretende-se mostrar o poder exercido pelas palavras e como sua manipulação pode ser feita para o bem, como quando Zusak escreve uma história espetacular e inspiradora, quanto para o mal, como quando Hitler manipula toda uma nação a favor de suas ideias atroz. Utilizando como procedimento técnico pesquisas bibliográficas em materiais já elaborados como livros, artigos, revistas, documentários e a internet, foi realizada uma pesquisa exploratória para a obtenção de dados que permitissem a construção deste artigo, bem como da coleção baseada nele.

Sendo assim, este artigo foi estruturado da seguinte forma: inicialmente, será feita uma abordagem sobre a vida de Hitler e sua doutrinação nazista; em um segundo momento a obra “A menina que roubava livros” será sintetizada e analisada, bem como o processo criativo do seu autor, Markus Zusak. Posteriormente, será feito um paralelo analisando o uso e a manipulação das palavras, tanto por Hitler quanto pela protagonista da obra, como por seu autor; e, finalmente, será elaborada uma coleção priorizando o poder das palavras dentro da temática do livro “A menina que roubava livros”.

## 1 Hitler e a Alemanha nazista

Personagem histórico de grande peso para o século XX, Hitler ainda desperta fascínio e curiosidade quase 70 anos após sua morte, sendo estudado por especialistas de diversas áreas. “O fato de um líder tão carismático quanto lunático ter liderado uma das maiores atrocidades que a humanidade já presenciou explica parte desse interesse”. (BLANC, s.a, p. 3)

Para compreender como Adolf Hitler tornou-se “um gênio do mal” é preciso analisar sua vida e acontecimentos que a marcaram. Blanc traz o contexto histórico e social em que o líder nazista nasceu e foi criado:

No começo do século passado, a crise na Europa Central foi detonada pela decadência do Império Austríaco, que acabou fazendo explodir a pior guerra que, até então, a humanidade já presenciara. Em meio à crise austríaca, foi gestado um personagem que levaria a Europa mais uma vez à guerra, e que influenciaria uma das civilizações mais criativas que a humanidade já

---

conheceu – a germânica – a cometer atrocidades inimagináveis, até mesmo pelas sociedades mais primitivas. (s.a, p. 4)

Na verdade Hitler não era propriamente alemão e sim austríaco. Nasceu no pequeno povoado de Braunau am Inn, na fronteira com a Alemanha e teve uma infância complicada e que afetou a formação de sua personalidade:

A infância de Hitler se alternou entre as surras dadas pelo pai e as adulações desmedidas pela mãe. Esse tratamento ambíguo acabou gerando sequelas no caráter de Adolf, que chegou à adolescência desconfiando das pessoas ao seu redor, com poucos amigos, afundado em fantasias, afastado da realidade, extremamente frio, dado a ataques de fúria e inquebrantavelmente convicto de suas ações. (BLANC, s.a, p. 7)

A partir deste perfil e das frustrações sofridas na adolescência – reprovações em exames de admissão à Academia de Belas Artes de Viena e o falecimento da mãe – Hitler viveu os anos pré-guerra vagabundeando pelas ruas de Viena até que, em 1914, quando a Alemanha declara guerra à Rússia e à França, este se alista para as forças do país que adotara, contagiado pelo sentimento de que a Alemanha ocuparia finalmente seu lugar de direito no mundo ganhando a guerra. (BLANC, s.a, pgs. 8-9)

Com a derrota na Primeira Guerra Mundial, a Alemanha ficou proibida de convocar cidadãos para o serviço militar, tendo direito apenas a um exército de cem mil homens, mantidos somente para conservar a ordem interna, do qual Adolf Hitler continuou a fazer parte. Em 1919, este recebeu ordens para assistir às aulas sobre doutrinação política e isto mudaria não só sua vida, mas a história do século XX. Era a descoberta de um dom. (BLANC, s.a, pgs. 15-16)

Sobre seus primeiros discursos, ainda no exército alemão, Hitler se vangloriava:

Posso dizer que a minha atuação foi coroada de êxito: centenas, talvez milhares de camaradas foram por mim reconduzidos, no decorrer das minhas lições, ao seu povo e à sua Pátria. Eu "nacionalizava" a tropa e podia, por esse meio, auxiliar a fortalecer a disciplina geral. (HITLER, 1925, p. 206)

Apesar do desejo de fundar um novo partido, Adolf identificou no Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), no início bem pequeno, mas com ideias que se assemelhavam às suas, uma oportunidade para difundir seus ideais. Assim o fez através de discursos inflamados que tinham a capacidade

---

de seduzir seus ouvintes e que, futuramente, o elevariam ao status de *Führer*<sup>3</sup>. (BLANC, s.a, pgs. 16-17)

Visando unidade e uniformidade na defesa de sua doutrina, Hitler resolveu, durante sua prisão após a tentativa de um golpe de Estado no fim do ano de 1923, escrever uma obra – *Mein Kampf*<sup>4</sup>, publicada em 1925 – dedicada ao movimento nacional socialista. Esta seria considerada posteriormente a “bíblia” do nazismo. (BLANC, s.a, pgs. 22-27)

O livro é mais que uma história autobiográfica de sua ascensão. Nele, estão os princípios do nacional-socialismo conforme entendidos pelo líder nazista. É uma tese repleta de ressentimento e que veio a influenciar todo o povo alemão de forma no mínimo assustadora. (BLANC, s.a, p. 27)

Sua ascensão e aprovação junto à população alemã era estupenda. Gellately cita que somente em 1933 Hitler veio a ocupar uma posição de responsabilidade política, sendo nomeado chanceler, como “um modo de lidar com a crise social, econômica e política que se avolumava” (2011, p. 33) no país. Essa medida foi tomada acreditando-se que a falta de experiência política de Hitler não o permitiria se afirmar e o manteria sob controle. Não foi o que aconteceu e, em pouco tempo, este se instalaria como ditador.

Hitler pôde fazer a transição de contagiante orador político para profundamente amado Führer do povo alemão em um notável curto período de tempo. Ele percebeu que a maioria de homens e mulheres queria a adoção de medidas radicais para lidar com a ampla crise do país e (...) o povo alemão, desprezando os políticos de Weimar que haviam fracassado em ajudá-lo, viu-se pronto a colocar sua confiança e compreensão nas mãos de alguém que poderia reconectá-los com o que sentiam ser os sentimentos mais sólidos das tradições alemãs. Hitler teve condições de tramar nos bastidores e de manobrar para ocupar essa posição de confiança e compreensão. (GELLATELY, 2011, p. 34)

Para conquistar de imediato a população, dedicou-se a recuperar a economia e a moral dos alemães. Medidas contra o desemprego e “programas de patrocínio estatal” foram muito celebradas pela população.

Medidas do governo combinavam economia e ideologia, como a introdução de empréstimos para casamentos, concebidos a casais fisicamente aptos e “racialmente corretos”. (...) As mulheres eram de interesse central para o regime (...) como mães da raça. Assim, um generoso empréstimo para casamento era concedido com a condição de que a esposa deixasse seu emprego – mas ela também tinha de passar por exames médicos. Para encorajá-la a ter filhos, o regime quase de imediato decretou que as prestações para saldar o empréstimo seriam reduzidas em um quarto no nascimento de cada nova criança. (GELLATELY, 2011, p. 40)

---

<sup>3</sup> Líder.

<sup>4</sup> Minha Luta.

A redução da criminalidade também obteve boa repercussão junto ao povo alemão e logo começaram a serem tomadas medidas extremistas, que foram intensificadas durante a Segunda Guerra (1939-1945), como a “caça” a divergentes políticos, a criação de campos de concentração, a retirada de indivíduos “improdutivos” – ou como Gellately os nomeia, *outsiders*<sup>5</sup> sociais (2011, p. 149) – das ruas e, posteriormente, o antissemitismo. Contrariando as teorias por muito tempo defendidas de que a população alemã nada sabia sobre essas barbáries, cometidas em nome da defesa dos ideais nazistas, a obra “Apoiando Hitler” (GELLATELY, 2011) prova através de relatos, documentos, entre outros, que os alemães não só tinham conhecimento de tais medidas como em grande parte as aprovavam, ou ao menos as aceitavam.

Importante ressaltar que o modo como o nazismo era visto pelas classes sociais mais altas e pelo “povo” era bem diferente. Uma vez que as primeiras mal sentiram os efeitos negativos do nazismo, a população passou a ser temerosa e vigilante. O período da guerra (1939-1945) também gerou outro tipo de combate no *front*<sup>6</sup> interno alemão, o terror alemão-contra-alemão, “os alemães não só ficavam alertas em relação a “crimes” e outros desvios cometidos por *outsiders* sociais e minorias étnicas, mas também vigiavam uns aos outros.” (GELLATELY, 2011, p.288)

O apoio e popularidade de Hitler duraram até o fim de seu império, mesmo com a iminência da derrota na guerra.

Nos dias finais do Terceiro Reich, havia otimistas, pessimistas, “ideologistas” e fatalistas. Mas não havia escassez de fanáticos nazistas determinados a lutar até o fim. Muitas pessoas aparentemente não tinham como se permitir encarar a situação, incluindo as brutalidades, do jeito que ela realmente era, e não podiam fazer nada além de estar ao lado de Hitler, ou pelo menos da Alemanha. (GELLATELY, 2011, p. 398)

Pode-se dizer que, apesar de toda sua barbárie, o nazismo contribuiu em campos como a medicina e a tecnologia, influenciou estilos arquitetônicos, mas sem dúvida sua maior e mais notável influência está no campo da ficção. Segundo Parada, em seu livro “Fascismos”,

o fascismo se tornou uma das mais sólidas correntes de memória desses últimos sessenta anos, em boa parte porque sua historicidade foi incorporada ao universo da produção cultural de massa, tornando-se um fenômeno que alimenta uma impressionante produção ficcional para o cinema, a televisão e a literatura. (2008, contracapa).

---

<sup>5</sup> Indivíduo que não pertence a um grupo determinado.

<sup>6</sup> Frente de batalha; linha de frente.

São inúmeros os livros, filmes e documentários resultantes do estudo e da curiosidade despertada por esse movimento. Ainda que tenham se passado mais de meio século quando da Segunda Grande Guerra, os acontecimentos e consequências do conflito continuam vívidos e marcantes na memória do mundo contemporâneo.

## 2 A menina que roubava livros

As obras literárias escritas com base no nazismo são diversas e muitas tornaram-se, inclusive, *best sellers*<sup>7</sup>. Desde relatos reais como “O diário de Anne Frank” (FRANK, 1997), publicado pela primeira vez em 1947, contando a adolescência de uma judia vivendo na Holanda invadida no período de guerra – a história se passa de 1942 a 1944 – até a fábula “O menino do pijama listrado” (BOYNE, 2007), narrando a amizade entre um menino alemão e outro judeu preso em um campo de concentração. Ambos foram sucesso de vendas por tratarem de fatos corriqueiros inseridos no contexto da guerra e, mais especificamente, do nazismo.

Assim, dentre outras tantas obras literárias, a escolhida para ser analisada neste artigo é “A menina que roubava livros” (ZUSAK, 2007). Passando-se na Alemanha nazista, o livro traz a estória de uma menina que, apesar de todas as adversidades sofridas em sua vida, consegue encontrar nos livros, os quais gostava de furtar, uma ocupação cujo objetivo era saciar sua sede de conhecimento. (ZUSAK, 2007)

Entre 1939 e 1943, Liesel Meminger encontrou a Morte três vezes. E saiu suficientemente viva das três ocasiões para que a Própria, de tão impressionada, decidisse nos contar sua história. História que, nas palavras dirigidas ao leitor pela ceifadora de almas no início de A menina que roubava livros, “é uma dentre a pequena legião que carrego, cada qual extraordinária por si só. Cada qual uma tentativa – uma tentativa que é um salto gigantesco – de me provar que você e sua existência humana valem a pena”. (ZUSAK, 2007, orelha do livro)

Resumidamente, Liesel era uma menina cuja mãe era comunista e o irmão morreu de crupe a caminho de sua nova família adotiva, fatos que causaram dois grandes traumas em sua infância. Seus pais adotivos, Rosa e Hans Hubermann, viviam em Munique e eram pobres, mas a receberam com toda a dedicação que

---

<sup>7</sup> Produto que seja um sucesso de vendas.

lhes era possível. Rosa era uma xingadora voraz que lavava e passava para o lado mais afortunado da cidade, enquanto Hans, o homem de olhos prata, era pintor e acordeonista, gostava de enrolar cigarros e pelo qual a menina desenvolveu um afeto especial desde o momento em que o conheceu. (ZUSAK, 2007)

Seu vizinho e melhor amigo, Rudy Steiner, era um garoto maluco, apaixonado por ela e que se pintava de preto e dizia ser Jesse Owens, enquanto corria no campo de futebol local narrando a própria e imaginária vitória. Liesel o descrevia como o garoto com cabelos cor de limões. (ZUSAK, 2007)

A menina roubava livros em situações adversas, fossem por simbolizarem algo, como seu primeiro livro roubado que representava a última vez que vira sua mãe e irmão, ou por simples oportunidade, como quando furta seu segundo livro de uma fogueira por acreditar que ninguém a observava. Liesel tinha gosto pelos livros e, principalmente, por suas palavras. (ZUSAK, 2007)

Um jovem judeu, Max, foi levado para refugiar-se em seu porão. Ele lia e relia o *Mein Kampf*, imaginava-se lutando com Hitler todas as noites e a menina contava-lhe as histórias de seus livros furtados. Tornaram-se grandes amigos. O judeu a presenteou com dois livros.

Hans, pai adotivo de Liesel e responsável pela vinda de Max, num ato impensado durante a marcha de judeus para um campo de concentração, deu um pedaço de pão a um judeu faminto na rua, sendo chicoteado em público por isso. O medo de uma represália posterior por seu ato despertou também o medo de que Max fosse descoberto e este teve de ir embora. (ZUSAK, 2007)

Liesel, após um total de sete livros furtados, e outros que recebera de presente, ganha um livro em branco para escrever a sua própria história e assim o faz logo antes que a guerra lhe tirasse tudo e todos. Essa foi a terceira e a última vez que a Morte cruzou seu caminho em vida. (ZUSAK, 2007)

O movimento nazista é abordado a todo momento na história, mostrado por personagens que apoiavam e seguiam fielmente Hitler; outros que discordavam de suas ideias e, apesar de todo temor, conseguiam, mesmo que secretamente, se opor a ele. A própria visão da protagonista sobre o *Führer* vai mudando durante o decorrer da obra. Ainda no começo da história ela o enxergava como um líder poderoso e respeitável, digno de admiração, discursando com magnitude e exercendo fascínio sobre ela. Sempre o fascínio pelas palavras.



Porém, com o passar dos acontecimentos, sua visão se transformou. O fato de ter de esconder Max em seu porão e viver temendo que o descobrissem, ou a descoberta de algumas atrocidades como a marcha de judeus para Dachau, presenciando a violência com que estes eram maltratados por oficiais nazistas, foram elementos incontestáveis para transformar sua admiração por Hitler em forte repulsa. (ZUSAK, 2007)

A escolha de “A menina que roubava livros” (2007) foi feita com base na beleza da obra, que a levou a ser considerada um *best seller*. Segundo o site da Editora Intrínseca já vendeu mais de um milhão de cópias só no Brasil e, sob diversos formatos, mais de dois milhões de cópias nos EUA (KENNEDY, 2011). Além de bem-sucedido com o público também obteve um enorme sucesso de críticas, sendo celebrado pelo jornal O Globo, revista Época, O Estado de São Paulo, The New York Times e pelo USA Today:

A menina que roubava livros é perturbador, nada sentimental e, ainda assim, essencialmente poético. A crueldade e a tragédia perpassam a mente do leitor como um filme preto-e-branco, destituído das cores da vida. Zusak pode não ter vivido sob a dominação nazista, mas A menina que roubava livros merece um lugar na mesma prateleira de Diário de Anne Frank e de A noite, de Elie Wiesel. Parece fadado a se tornar um clássico. (USA TODAY apud INTRÍNSECA, 2012)

Deste modo, além de sua relevância como *best seller*, a obra demonstra a importância do conhecimento na vida das pessoas, da palavra como refúgio, misturando dor e poesia, trazendo em si uma abordagem literária interessante, na qual

o escritor questiona a narrativa tradicional, os mecanismos estratégicos que geram e mantêm o suspense, até a solução final do enigma, os quais condicionam a história à resolução deste, desprezando muitas vezes o valor da narração, as riquezas que dela podem ser extraídas. O autor propõe aqui uma valorização do percurso, dos recursos narrativos, da apropriação da linguagem como o próprio núcleo do enredo. (SANTANA, 2012)

O autor do livro, Markus Zusak, um australiano que cresceu ouvindo histórias sobre a Alemanha nazista, conta, em uma das sessões de promoção de seu livro, em setembro de 2007 na *Sutherland Library*, sobre seu processo criativo e sua preocupação ao escrever a estória com o máximo de realismo possível, apesar de ficcional. Utilizou para isso da pesquisa, fosse viajando a Munique para entender melhor os hábitos alemães ou buscando histórias de amigos judeus. Uma passagem



---

importante do livro, a marcha de judeus para Dachau, foi obtida através de sua mãe. (ZUSAK, 2007)

Ela [sua mãe] tinha 6 anos e brincava na rua quando escutou um barulho. Como era uma cidade rural pensou que era gado solto nas ruas e resolveu ir à rua principal para ver os animais passando. Não era gado. Eram pessoas empurradas pelos soldados indo para os campos de concentração. Havia um senhor velho, com uma longa barba, que não conseguia acompanhar o grupo. Ele não conseguia andar mais, ele estava definhando. Um garoto que estava assistindo correu para dentro de casa pegou um pão e deu para aquele homem. O velho se ajoelhou, abraçou as pernas do menino e agradeceu. O soldado que estava perto não gostou da atitude do menino pegou o pão e jogou fora. Bateu no velho e depois de correr atrás do menino bateu nele também. Nesta história você tem a pureza da beleza que é o menino dando o pão ao velho e a completa destruição que é o ato do soldado. (ZUSAK, 2007)

Seus pais e suas infâncias na Alemanha e na Áustria durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) são claramente referenciados no livro. Seu pai, austríaco e pintor, teve características incorporadas a estória na pele de Hans, o padrasto de Liesel, enquanto a protagonista vivencia muitas das lembranças de sua mãe. (ZUSAK, 2007)

Outro fator de preocupação em seu processo de criação era a originalidade. Como tornar diferente um livro sobre a Alemanha nazista, em meio a tantos outros? Zusak resolveu essa questão através de uma narradora inusitada, a Morte. Segundo ele, como as pessoas sempre dizem que a guerra e a morte são melhores amigas, nada melhor do que a própria ser a narradora. E assim o fez, mas não de forma estereotipada. Sua narradora é assombrada pelos seres humanos, encarregada de toda a destruição que inventamos, sejam guerras ou assassinatos. (ZUSAK, 2007)

Associando a ideia de uma ladra de livros a experiências familiares, pesquisas sobre a Alemanha nazista e uma narradora inusitada, prezando por detalhes que tornassem a estória mais realista, o autor obteve uma distinta e instigante obra. “Markus destaca neste romance a importância das palavras em um dos momentos mais dolorosos já vividos pela Humanidade.” (SANTANA, 2012)

### **3 O uso das palavras**

A todo o momento em sua obra, Markus Zusak evidencia oposições entre o feio e o belo nas ações humanas. Esse recurso é uma forma não só de provar à

---

Morte, narradora, que a espécie humana tem razões existenciais que vão além da destruição, mas também de atentar o leitor quanto a esses contrastes.

Em certa passagem de seu livro, Max, o judeu escondido no porão, querendo retribuir o afeto e a amizade de Liesel, resolve dar-lhe um livro de sua própria autoria e, por falta de recursos, pinta as páginas do *Mein Kampf* para escrever sua história por cima. “Pessoas que fazem coisas bonitas, mesmo nos momentos mais feios”(ZUSAK, 2013)<sup>8</sup>; esse é um exemplo de como o ser humano pode usar de um mesmo elemento para construir algo que pode ser monstruoso, como a “bíblia” do nazismo, ou admirável, como um dos melhores presentes que uma menina poderia querer.

Esse tipo de contradição também pode ser visto no uso das palavras pelos personagens tratados neste artigo. Adolf Hitler, personagem histórico do século XX, Liesel Meminger, protagonista da obra “A menina que roubava livros” e Markus Zusak, o autor do livro; todos tiveram as palavras como elemento determinante em suas vidas.

“E, de fato, a palavra falada, por motivos psicológicos, é a única força capaz de provocar grandes revoluções.” (HITLER, 1925, p. 436) Usando-se do fato de ser excelente orador, somado aos esforços incansáveis de seu ministro da propaganda, Hitler possuía um poder persuasivo capaz de mover multidões e disseminar, sem maiores dificuldades, os ideais nazistas. Um poder tão grande que provocava o fanatismo da população alemã. Sabendo disso, Paul Joseph Goebbels à frente do Ministério da Conscientização Pública e Propaganda produziu uma enormidade de materiais cujos objetivos iam desde a idolatria ao *Führer* até a incitação ao racismo e, mais especificamente, ao antissemitismo. (SANTOS, s.a, pg. 5-6)

Os nazistas, sabendo da importância das palavras, promoviam eventos nos quais fogueiras eram acesas para a queima de livros e materiais de autoria judia, comunista ou qualquer outro que não considerassem dignos para a população alemã. “Em Berlim, como em outras cidades universitárias da Alemanha, os livros imorais e anti-alemães foram publicamente incinerados.”<sup>9</sup> Esse tipo de evento também é exemplificado por Zusak em sua obra e, nessa passagem, a menina furta da fogueira um livro judeu, salvando as palavras do fogo nazista. (ZUSAK, 2007)

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida a Heidi Stillman para o site Chicago Public Library.

<sup>9</sup> Fragmento de um discurso de Paul Joseph Goebbels retirado do documentário “O experimento de Goebbels – O diário de um nazista”.

O poder persuasivo da palavra foi tão bem explorado no governo nazista que Goebbels, em um discurso de 19 de fevereiro de 1943, ao expor a possibilidade iminente de uma guerra, consegue mais do que aprovação da população, obteve um “estado de total mobilização espiritual. (...) A nação alemã estava preparada para sacrificar tudo pela guerra e por nossa vitória. Assegurei-me que a guerra total não ficasse em pura teoria.”<sup>10</sup>, referindo-se ao fato de a população estar disposta a lutar, não importando se fossem jovens ou idosos, mulheres ou crianças.

Na obra da ladra de livros, ao escrever para Liesel, Max também identifica Hitler como um homem que sabia usar o poder das palavras:

ERA UMA VEZ um homenzinho estranho, que decidiu três detalhes importantes sobre sua vida:

1. Ele repartiria o cabelo do lado contrário ao de todas as outras pessoas.
2. Criaria para si mesmo um bigode pequeno e esquisito.
3. Um dia, ele dominaria o mundo.

(...) o Führer decidiu que dominaria o mundo com palavras. (ZUSAK, 2007, p. 386)

A menina que roubava livros encontrou as palavras por acaso em seu caminho. No início ainda sem saber ler, as via como um desafio irresistível, porém, com o passar do tempo, passou a saboreá-las. Ao se deparar pela primeira vez com a biblioteca do prefeito ficou maravilhada:

Livros por toda parte! Cada parede era provida de estantes apinhadas, mas imaculadas. Mal conseguia ver a tinta. Havia toda a sorte de estilos e letras diferentes nas lombadas dos livros, pretos, vermelhos, cinzentos, de toda cor. Era uma das coisas mais lindas que Liesel Meminger já tinha visto. (ZUSAK, 2007, pgs. 122-123)

Dessas estantes a menina furtou livros. O desejo pelas palavras a impulsionou a roubá-los até que, num dado momento, ela é convidada a escrever sua própria história. Ganha de presente da mulher do prefeito um livro em branco e passa a ser autora das próprias palavras e não somente uma leitora conduzida por elas. Uma última anotação em seu livro traz um reconhecimento: “Odiei as palavras e as amei, e espero tê-las usado direito.” (ZUSAK, 2007, p. 459)

Markus Zusak, sendo o autor da obra e tendo a escrita como profissão, compreende a importância das palavras:

Acredito que sou um bom escritor porque faço bem coisas simples. A única razão pela qual utilizei tantos detalhes é porque queria que acreditassem em mim. As pessoas sempre acreditam quando você coloca a situação bem detalhada.” (ZUSAK, 2007)

---

<sup>10</sup> Fragmento de um discurso de Paul Joseph Goebbels. op.cit.

Foram suas palavras traduzidas em uma obra literária que transformaram sua carreira e também sua vida. Interessante e assustador notar o poder exercido pelas palavras. Saber manipulá-las pode ser uma forte arma tanto para o bem quanto para o mal. Cabe a cada um saber discernir o lado que mais agrada. “Quando precisa, o Diabo passa por anjo.” (GOEBBELS *apud* MARTINO, 2007, p. 51)

#### 4 A coleção

A partir das personagens abordadas no presente texto e de suas maneiras de lidar com as palavras surgiu a coleção *Palavra é Poder*. Referenciando capas de livros, que guardam em seu interior um universo de palavras, esta coleção é composta exclusivamente de casacos e pelerines que servirão como uma capa para o ser humano, ser este dotado da palavra.

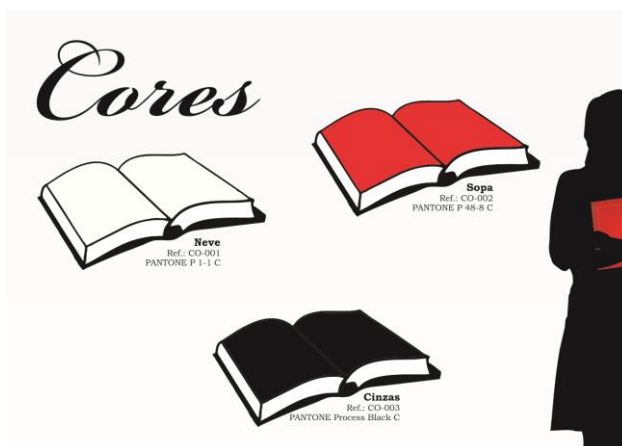
##### 4.1 Prancha Tema



A prancha tema foi desenvolvida a partir das personagens apresentadas no texto, evidenciando o contraste entre eles. Hitler é representado pelo do céu e sua chuva de palavras. Sempre eloquente, discursava de forma contagiante mesmo que fosse para disseminar ideias cruéis. Assim, suas palavras encontram-se desconstruídas, demonstrando sua dissimulação. Em contrapartida, a personagem de Liesel, a ladra de livro, além de ser representada pela silhueta, tem algumas de suas palavras gravadas na prancha. Escritas em letra cursiva, as palavras extraídas

de um dicionário roubado tiveram seus significados aprendidos na própria pele, durante sua trajetória. A menina que começa sem saber ler termina a estória escrevendo suas próprias palavras.

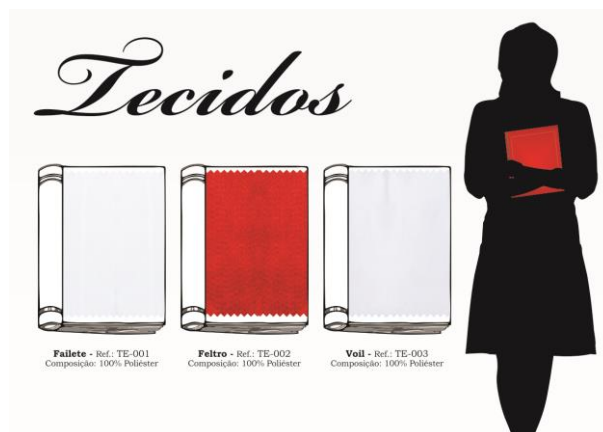
#### 4.2 Cartela de Cores



Quando me lembro dela, vejo uma lista de cores, mas são três em que a vi em carne e osso que têm mais ressonância. Vez ou outra, consigo flutuar muito acima daqueles três momentos. Fico suspensa, até que uma verdade séptica sangra para a claridade. E aí que as vejo numa só fórmula. AS CORES. Vermelho, branco, preto. Elas caem umas sobre as outras. A assinatura rabiscada em preto sobre o branco global ofuscante, em cima do vermelho espesso de sopa. (ZUSAK, 2007, pgs. 18-19)

As cores trabalhadas (preto, branco e vermelho) vão além do olhar da Morte sobre Liesel ou de sua referência à bandeira nazista, simbolizam o contraste entre as personagens, suas ações e, é claro, suas palavras.

#### 4.3 Cartela de Tecidos



Quanto aos tecidos, predomina o feltro. Resultante “de uma mistura prensada de fibras” (PEZZOLO, 2007, p. 219), este possui um processo de fabricação semelhante ao do papel, fazendo analogia ao fato de que, assim como transcrevemos nossas palavras para o papel, a coleção transfere para seu tecido as palavras do artigo aqui elaborado. O segundo tecido, o *voil*<sup>11</sup>, foi escolhido por sua transparência, representando o fato de se poder escrever uma história em cima de outra, aparecendo sempre sobreposto ao feltro. O failete foi utilizado somente como forro para a obtenção de um melhor acabamento.

#### 4.4 Cartela de Aviamentos



Os aviamentos se justificam conforme suas funções na roupa.

#### 4.5 Cartela de Beneficiamentos



<sup>11</sup> Tecido leve e transparente, produzido com fios muito finos, geralmente de poliéster.



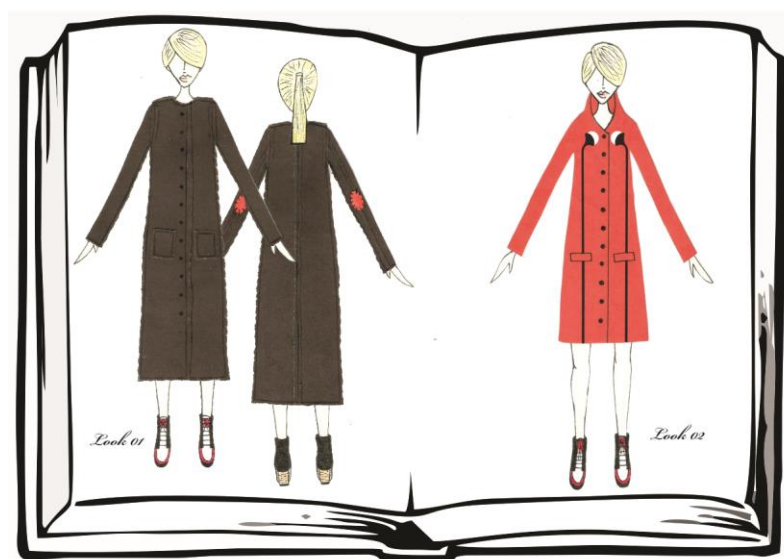
Dos beneficiamentos utilizados, o *silk-screen*<sup>12</sup> e o *stencil*<sup>13</sup> são as formas utilizadas para estampar as peças da coleção, bem como a costura especial é outra forma utilizada para poder transformar palavras em imagens.

#### 4.6 Cartela de Estampas



“Uma imagem vale mais que mil palavras”. (CONFÚCIO *apud* FERREIRA, 2012) As estampas, ora trabalhadas em imagens, ora em palavras, foram desenvolvidas como forma de alusão tanto a personagens quanto a fatos e acontecimentos decorrentes do uso das palavras, seja na história de Hitler ou de Liesel.

#### 4.7 Pranchas de Looks



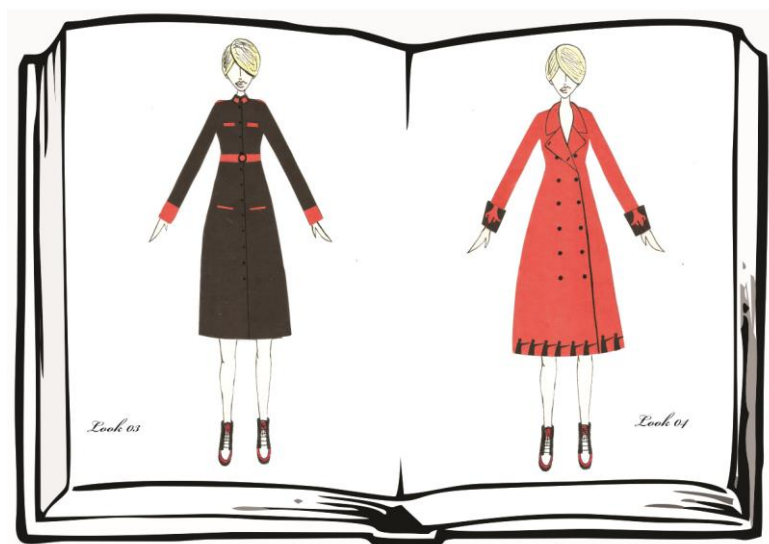
<sup>12</sup> Processo de impressão no qual a tinta é vazada através de uma tela preparada.

<sup>13</sup> Técnica usada para aplicar um desenho ou ilustração.



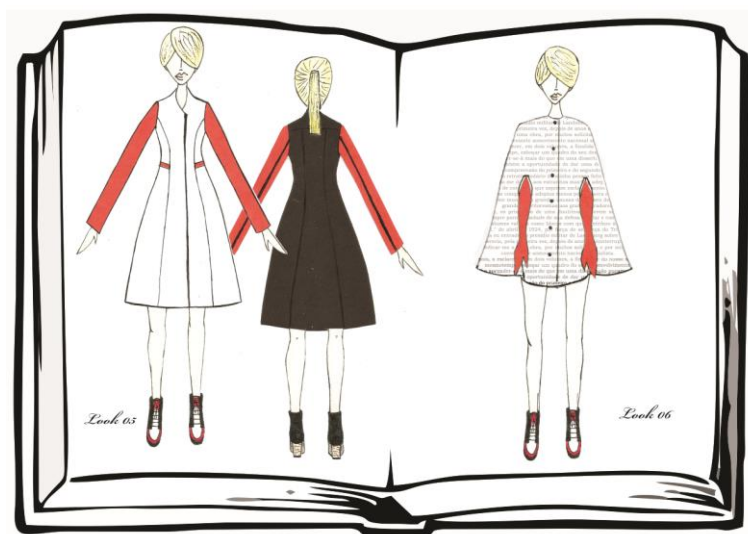
Look 01: Ainda não era nada. Sem ter uma ocupação e tendo sido reprovado para ingressar na Academia de Belas Artes de Viena, Hitler passou boa parte de sua juventude vagabundeando pelas ruas de Viena. Assim, as costuras para fora e os remendos do casaco fazem referência a esta fase, além do fato de este ser quase todo preto sem silhueta marcante, sugerindo uma discrição, algo que pode passar despercebido, como acontecia com o personagem na época.

Look 02: A descoberta de um dom. Hitler descobre seu dom ao receber aulas de doutrinação política e começa a discursar para seus companheiros no exército e, posteriormente, para toda a nação alemã. O casaco dessa vez é vermelho, chamativo, com estampas sugerindo microfones para dar amplitude à sua voz e a gola em formato de concha para melhorar sua acústica.



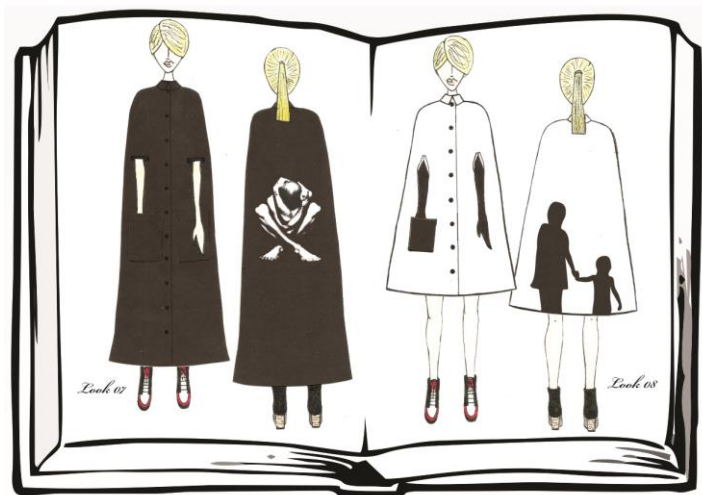
Look 03: Minha Luta. Hitler escreveu a “bíblia” do nazismo visando unidade e uniformidade de seus seguidores, assim este casaco tem formato que lembra um uniforme militar, com corte e silhueta mais rígida. O uso do preto dá sobriedade, mas os detalhes em vermelho sugerem a crueldade de suas palavras.

Look 04: Amado *Führer*. Conquistou a Alemanha, o povo o segue cegamente, vibra com suas conquistas e idolatra suas palavras, recuperou a moral alemã, mas nem tudo é o que parece. Manipulou toda uma nação em busca de seus interesses atroz. O povo não passava de marionetes em suas mãos. As estampas falam por si.



Look 05: Contrastes. O uso das palavras pode ser feito de diversas formas e para conquistar diferentes objetivos. Enquanto Hitler queria satisfazer sua mente insana convencendo a todos a realizarem atrocidades, a roubadora de livros apenas queria saciar sua sede de conhecimento. Até então a coleção havia se concentrado nas cores preto e vermelho simbolizando o peso das palavras de Hitler. A partir de agora o branco é introduzido, representando a “chegada” de Liesel.

Look 06: Um presente judaico. Para conseguir chegar ao porão de Liesel, Max precisou se passar por alemão e o *Main Kampf* ajudou-o nisso. Ao desenvolver afeto e amizade pela menina e na ausência de recursos para presenteá-la, decide transformar aquele livro de atrocidades em um dos mais belos presentes que uma pobre ladrazinha de livros poderia querer. Pinta as páginas da “bíblia” nazista e escreve por cima seu próprio conto. Assim, este *look* propõe uma pelerine estampado com as páginas do *Main Kampf* e uma camada de *voil* sobreposto, representando que as palavras mal-usadas podem ser esquecidas, mas nunca apagadas.



Look 07: A Morte. A narradora inusitada do livro “A menina que roubava livros” (ZUSAK, 2007) vem aqui representada por uma grande pelerine preta, com bolsões para poder carregar todas as almas a ela designada em tempos de guerra. O surpreendente nessa narradora é saber que ela não é “amiga” da guerra ou de Hitler, mas sim que é assombrada pelos seres humanos e sua capacidade de destruição.

Look 08: Primeiro furto. O livro estava na neve com sua capa preta parecendo gritar que alguém o recolhesse. Era uma forma de preservar em um objeto a memória de seu recém-falecido irmão, e Liesel comete seu primeiro furto. Mais tarde ela descobria que o livro não só representava a última vez que vira o irmão, como também a última vez que vira a mãe. Neste caso, o branco representa a pureza da menina, mesmo cometendo um ato ilícito como um furto. As luvas simbolizam o ato do crime e são trazidas sempre que um *look* fizer referência direta a Liesel.





guardar seus tesouros. Esses fatores que a compõem são simbolizados pela gola, luvas e bolsos, respectivamente. Sendo branco o casaco também simboliza o livro que Liesel ganhou para escrever sua própria história, suas próprias palavras; e a reprodução de sua última linha escrita, “Odiei as palavras e as amei, e espero tê-las usado direito”, estampa toda a extensão da camada sobreposta de tecido, indicando a transformação do livro em outro e traduzindo bem o contraste de sensações pelas quais a menina passou ao ter contato com as palavras.

#### 4.8 Cartela de acessórios



As luvas são utilizadas para simbolizar Liesel, por se tratar de uma ladra. Quando aplicadas em *looks* que representam o furto aparecem na cor preta e quando em representam a transformação de algo pelas palavras, são vermelhas.

#### 4.9 Cartela de Sapato



O sapato foi desenvolvido baseado nos contrastes entre as personagens Liesel e Hitler, além do contraste das cores, os dois cadarços representando a palavras de cada um, por isso são em cores e espessuras diferentes. O calçado é todo em couro com salto em imitação de madeira.

#### 4.10 Prancha da Coleção



Os doze *looks* que compõem a coleção carregam significados e fragmentos das histórias das personagens, utilizando o jogo de cores, a modelagem e os acessórios como método de diferenciação entre eles. Representam de forma elegante os contrastes presentes no ser humano, capaz das maiores crueldades ou dos mais singelos atos de bondade, evidenciando a força exercida pela palavra em sua trajetória. Afinal, palavra é poder.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se perguntarmos as pessoas qual a invenção mais importante do mundo, diversas e heterogêneas seriam as repostas, mas certamente muitas delas não seriam possíveis sem a escrita. Conduzindo-nos a vários lugares, sensações,



emoções, tristezas e alegrias são consubstanciadas em pedaços de papéis. A escrita cria e destrói, instrui e corrompe, num piscar de olhos ou em um virar de página.

A união de palavras, quando bem proferidas, tem um impacto avassalador. Hitler poderia ter passado despercebido pelo mundo por ter sido criado em um ambiente desfavorável, mas, ao descobrir seu dom, fez das palavras uma arma e usou-as com maestria para preencher seus anseios e desejos. Conseguiu com as palavras o que muitos almejam: a imortalidade, foi, é, e sempre será lembrado pelas atrocidades que suas palavras desencadearam.

Por outro lado, o dom de escrever e falar não é só tragédia. Com todos os problemas e efeitos de uma guerra, coube a uma menina mostrar como a palavra pode comover, construir valores e parâmetros inexpugnáveis, fazendo com que o ato ilícito do furto se tornasse uma mera conjectura. Desde pequena ansiando pela leitura, enxergava dentro de cada livro um mundo maravilhoso de descobertas, fantasias e sabedoria. Liesel Meminger, de livro em livro, mudou a sua vida e a trajetória de outros, graças às palavras que encontrou em seu caminho.

Perceber a importância das palavras e disseminar o conhecimento nem sempre é tarefa fácil. Markus Zusak, com minúcia e detalhamento, conseguiu isso. Colocou no papel uma narração onde a morte participa de uma forma diferente; ela, que faz parte de nossa realidade, perambulou pela narração não como vilã, mas como visionária. O desprendimento de autor tornou esta estória um *best seller* e permeia o inconsciente de milhões de pessoas no mundo, graças a sabedoria no uso das palavras.

A palavra sempre será a fonte, a base que une o passado e o presente, cabe a cada um definir o direcionamento a ser feito. Hitler fez sua escolha, Liesel e Markus, fizeram outra. Somos donos do nosso destino e o construímos pedra por pedra, mas, principalmente, palavra por palavra. A palavra proferida não tem volta e nem fronteiras.

**WORD IS POWER:** What Hitler and a book thief have in common

### **ABSTRACT**

The Word is the main link of this study. Being molded according (to) the writer, speaker or interpreter its use is approached through two characters, one real and



one fictitious: Adolf Hitler and Liesel Meminger. Hitler used the words as weapons building an empire through his oratory and his gift to conduct the masses. In the other hand, Liesel, the main character of the book 'The thief book' (ZUSAK, 2007) made the words more than a source of knowledge, but an inspiration to escape her reality. The author of her story builds a meticulous storyline, which only words accurately connected can give shape and describe its emotions and feelings. This job has as a main point the use of words, its aims, assimilations and meanings. The word is the unity of the language, and whether is spoken or written it has his own meanings and an isolated existence. Destroying or building, leading to war or bringing peace, it is the words that allow to immortalize moments or facts, and was a set of these words that gave body to this article and provided this subsequent collection.

**Key Words:** Nazism. Literature. Fashion. History. Markus Zusak.

## REFERÊNCIAS

- BLANC, Claudio. **O conturbado começo do século 20**. In: Revista Grandes Líderes da História. Nº 21. Ano 2. São Paulo: Arte Antiga Editora. ISSN 1806-6739.
- BOYNE, John. **O menino do pijama listrado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FERREIRA, Wilson Roberto Vieira. **O poder das imagens**. Publicado em 16/01/2012. Disponível em: <http://cinegnose.blogspot.com.br/2012/01/uma-semiotica-do-poder-das-imagens.html>. Acesso: 13/05/2012.
- FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.
- GELLATELY, Robert. **Apoiando Hitler**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- GRADESAVER. **Biography of Markus Zusak**. Disponível em: <http://www.gradesaver.com/author/markus-zusak/>. Acesso: 15/11/2012.
- HITLER, Adolf. **Mein Kampf**. Alemanha: Eher Verlag, 1925. Disponível em : <http://www.elivrosgratis.com/download/347/minha-luta-mein-kampf-adolf-hitler.html>. Acesso em: 30/04/2012.
- INTRÍNSECA. **A menina que roubava livros**. Disponível em: [http://www.intrinseca.com.br/site/catalogo\\_ficha.php?livrosID=13](http://www.intrinseca.com.br/site/catalogo_ficha.php?livrosID=13). Acesso em: 30/09/2012.

---

INTRÍNSECA. **Intrínseca: Juventude e Competência.** Disponível em: <http://www.intrinseca.com.br/site/editora.php>. Acesso em: 30/09/2012.

KENNEDY, Elisabeth. **The Thief Book – 2 Milion Copies Sold!** Disponível em: <http://childrensbooks.about.com/b/2011/12/16/the-book-thief-teens-and-adults-love-it.htm>. Acesso em: 30/09/2012.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **A estética da propaganda política em Goebbels:** Um estudo sobre a produção da publicidade a partir de seus Diários. In: Revista Comunicação & Política. Vol. 25. n. 2. pgs 35-53. 2007.

**O experimento de Goebbels:** O diário de um nazista. Direção Lutz Hachmeister. Roteiro: Lutz Hachmeister e Michael Kloft. Narração: Kenneth Branagh, Udo Samel. Alemanha, 2005. 108 min. color. son. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xqDiS3ICchl>. Acesso em: 27/04/2013.

PARADA, Maurício. **Fascismos:** Conceito e experiências. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos:** história, tramas, tipos e usos. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

SANTANA, Ana Lucia. **A menina que roubava livros.** Disponível em: <http://www.infoescola.com/literatura/a-menina-que-roubava-livros/>. Acesso: 15/11/2012.

SANTOS, Valéria Cristiane Moura dos. **LUZ, CÂMERA, HITLER! CINEMA E PROPAGANDA A SERVIÇO DO NAZISMO.** VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar. Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina-PI. ISBN: 978-85-98711-10-2.

ZUSAK, Markus. **A menina que roubava livros.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.

ZUSAK, Markus. **Interview with Markus Zusak.** Chicago Public Library. Chicago, primavera de 2012. Entrevista concedida a Heidi Stillman. Disponível em: [http://www.chipublib.org/eventsprog/programs/oboc/12f\\_book/oboc\\_12f\\_interview.php](http://www.chipublib.org/eventsprog/programs/oboc/12f_book/oboc_12f_interview.php). Acesso: 15/04/2013.

ZUSAK, Markus. **The Book Thief by Markus Zusak - Part 1: The Writing Process.** Sutherland, Austrália: Sutherland Shire Libraries, 2007. Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=P\\_llpugbLB8](http://www.youtube.com/watch?v=P_llpugbLB8). Acesso: 15/12/2012.

ZUSAK, Markus. **The Book Thief by Markus Zusak - Part 2: Questions from audience.** Sutherland, Austrália: Sutherland Shire Libraries, 2007. Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=5sWDy6X8p\\_o](http://www.youtube.com/watch?v=5sWDy6X8p_o). Acesso: 15/12/2012.



ZUSAK, Markus. **The Book Thief by Markus Zusak - Part 3: A reading by the author**. Sutherland, Austrália: Sutherland Shire Libraries, 2007. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=xHawgX9e99E>. Acesso: 15/12/2012.